



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

ECOFENOMENOLOGIA: uma janela ao mundo

Michèle Sato¹

Entre muitas outras coisas,
tu eras para mim uma janela
por meio da qual podia ver as ruas.
Sozinho não o podia fazer.

~ Franz Kafka

* O assopro das brisas fenomenológicas

Nos labirintos do meu cotidiano, faço como a canção do Chico Buarque, “todo dia faço tudo sempre igual²”: As oito da manhã, chego ao local de trabalho, e na entrada do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) tem uma pichação no muro que, mesmo lendo todos os dias, me chama a atenção. Provavelmente um estudante estrangeiro, ou alguém que sabe espanhol, e que por bela coincidência (ou não), escreveu abaixo de uma janela: “*Me gusta simular que no te miro*” (figura 1).



Figura 1: janela da alma
(Michèle Sato)

¹ Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT [michelesato@ufmt.br]. Agradeço ao amigo italiano Massimo, pela autorização do uso da pintura do Buda. E a à minha irmãzinha-amiga, Lúcia, não só pela imagem do “*Torii*”, mas pela maneira bela de me ensinar sempre.

² Chico Buarque: cotidiano, 1971.

Há várias metáforas sobre a janela, e subindo para o terceiro andar da pós-graduação, cada degrau vai abrindo uma vidraça de imaginação. Será um estudante tímido que não tem coragem de se declarar? Ou uma menina que apenas faz um jogo sedutor de fingir não se importar? É uma paixão mais duradoura que promete outras janelas? Talvez seja apenas um flerte fugaz como a era atual, descartável, frágil e rápido, contudo, romântico.

Uma janela pode se abrir à aprendizagem, à paisagem esplendorosa, à contemplação, a uma serenata cantante, ou simplesmente para ver a “banda passar³”. Mas pode se fechar nas saudades, na dor da perda, no momento triste de amargura, ou no horizonte onde o sonho se perdeu. Ao abrir e fechar, ou entreabrir e descerrar, uma janela dialoga com a exterioridade da paisagem física e com a interioridade da paisagem existencial. A janela, como metáfora do olhar, espelha o mundo exterior. Contudo, o espetáculo visível do mundo está na dependência da subjetividade de como se olha este mundo. “O olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si” (CHAUÍ, 1988, p. 33).

Para o arquiteto e artista Hundertwasser (1976), o nosso direito à janela é o momento solitário para debruçar no parapeito e mergulhar para dentro de si. Um direito de se recolher, buscando “res-postas” à cura das angústias. Contudo, o artista austríaco alerta que é preciso cumprir o dever da árvore, em sair da casa, ser coletivo e zelar pela natureza. É a abertura para sair do labirinto e ser-no-mundo em nossa incompletude. No Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA), gostamos da metáfora do Caracol de Manoel de Barros⁴ – do direito de cuidar do interior da casinha, mas sobremaneira do dever coletivo de vigiar a vida para além de nossa própria existência. É também o momento simultâneo de considerar as possibilidades de desraizamentos, face ao dilema daqueles que não possuem teto. No contexto do solipsismo existencial de Heidegger (1996-a, p. 39), olhar pela janela não é uma simples retirada do mundo, mas uma descoberta e a reapropriação deste. “O sendo-ser torna-se, de múltiplos modos, fenômeno”.

Só enxergamos o mundo situados com o outro, na tríade do eu em relação ao outro e ambos situados no mundo. Heidegger (1996-b, p. 29) alegaria que esta afirmação é

³ Chico Buarque: a banda, 1966.

⁴ Manoel de Barros: memórias inventadas [<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/manoel-de-barros-poemas/>].

tautológica, já que para ele, o ser humano é sempre “no-mundo”. Não se trata de olhar o mundo de forma física, por meio de pupilas, cores ou intensidade do brilho, pois a luz que a janela enxerga vem da ontologia do espírito, provavelmente constituída de conceitos e de afetos (confetos⁵).

René Magritte, surrealista e leitor de filosofia, intitulava suas obras imagéticas provocando a racionalidade excessiva de Hegel, irritando o capitalismo nas ressignificações das pinturas burguesas, ou temperando a realidade com elementos do cotidiano de forma absurda, como maçãs antigravitacionais, cachimbos que não são cachimbos, ou imagens que desafiavam as lógicas matematizadas (SATO, 2009; LEVY, 2015).

Magritte pintava e repintava, buscando construir a diferença na repetição (DELEUZE, 2000), como se a destruição de uma imagem aniquilasse um pensamento que se pressupõe a si próprio. A ruptura era necessária, como um soco na janela capaz de quebrar os vidros para que o fenômeno fosse ressignificado (figura 2), para transcender o plano, e ganhar outros delineamentos.

O que se pode ver à luz do sol é sempre menos interessante do que o que se passa atrás de uma vidraça. Neste buraco negro ou luminoso, vive a vida, sonha a vida, sofre a vida (BAUDELAIRE, 1988, p. 26).

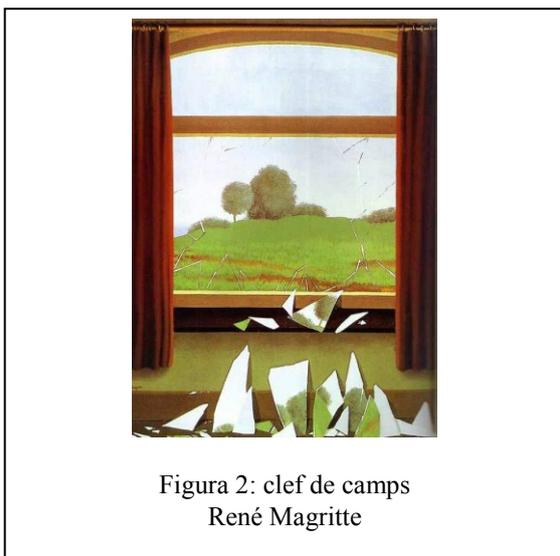


Figura 2: clef de champs
René Magritte

⁵ Em oposição ao Descartes, que privilegiou somente a racionalidade e desprezou os afetos, o neologismo “confetos” (conceitos + afetos) foi cunhado no sabor da sociopoética (SATO; GAUTHIER & PARIGIPE, 2005).

No contexto da produção acadêmica, a linguagem textual é sempre o lugar privilegiado. O “soco no estômago” foi dado por Nick Sousanis⁶ (2015), que usou o desenho como linguagem filosófica na sua tese de doutorado em Educação na renomada Universidade de Harvard. Suas imagens são filosofias e a mensagem também traz a rebeldia para que educação não seja só mais um mero tijolinho⁷ no grande muro da supremacia da verdade única. É preciso quebrar as vidraças das metanarrativas dominantes que insistem em apagar os diferentes, pasteurizando a vida num único matiz de veracidade.

O poeta Baudelaire (1988, p. 45) parece concordar com Magritte, ao considerar a janela um objeto “profundo, misterioso, fecundo, tenebroso e deslumbrante”, já que a interpretação da paisagem está na dependência das emoções do dia. Diversas músicas passaram na memória enquanto pensava na janela, mas talvez o que quero tratar aqui relaciona-se intimamente com a epígrafe que inicia o texto, com Kafka (2009), pois para se “transver o mundo”⁸, só o fazemos na presença do outro. Merleau-Ponty (1964) complementaria que o mundo se revela visível pela exterioridade do outro. Para se acolher o fenômeno da visão, haveremos de recorrer a uma dimensão de sentidos e de não sentidos para que as coisas se tornem visíveis, e ainda assim, muitas serão sempre invisíveis.

Para Merleau-Ponty (1964), quando lançamos nosso olhar, a coisa percebida não é um átomo visível que se revela a um olhar desprovido de uma presença no mundo. Entretanto, ele argumenta que toda visão possui uma certa dose de cegueira, já que há um movimento de indivisibilidade entre o sujeito que vê e a coisa percebida. A fenomenologia MPontyana considera que a visão não alcança uma visão plena do que aparece, porquanto o visível tem sempre aspectos de invisibilidade. Similarmente, no campo da arte, o surrealismo possui uma forte tendência em fomentar a permanência dos mistérios, pois eles permitem a eterna descoberta, a aprendizagem que não se finda, e representam os fenômenos enigmáticos que nem deuses, nem mortais, conseguirão decifrar.

Caminha (2014, p. 68) destaca que não se trata apenas de debater a estrutura do fenômeno da visibilidade, mas o movimento da emergência da visibilidade dentro do mundo. “Toda

⁶ Grande parte da tese pode ser vista no site de Nick Sousanis, bastante aberto aos diálogos e que possui talento extraordinário (como Magritte) em filosofar por meio de imagens [<http://spinweaveandcut.com/>].

⁷ Pink Floyd: another brick in the wall, 1979.

⁸ “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo”. Manoel de Barros [<http://textosparareflexao.blogspot.com/2014/12/e-preciso-transver-o-mundo.html>].

visão é sempre minha visão, mas também é sempre visão do mundo e a partir do mundo que se faz visível. É impossível se ausentar do mundo para vê-lo”. Todavia, vale questionar: será que enxergamos o mundo além de nós mesmos? Estamos dispostos a interrogar a filosofia para além da humanidade?

* **Ecofenomenologia e o esvoaçar da cortina**

Não tenho a intenção, nem de longe, de apresentar o debate finalizado da ecofenomenologia, literatura escassa no cenário brasileiro. Mas alguns registros internacionais ressoam de forma atraente, talvez buscando a superação da visão utilitária, técnica e antropocêntrica. Para além dos significados do *Homo sapiens*, os recentes estudos da ecofenomenologia tem sublinhado a importância de transcender a dimensão humana, incluindo outras formas de vida, sem a necessidade de revigorar o naturalismo desprovido de humanidade.

A corporeidade imanente na expressão do olhar, busca e acha suas metáforas no ser vivo, não excluindo nossos parentes mais próximos, os animais (BOSI, 1988, p. 79).

Uma publicação teve enorme impacto aos que buscam conjugar filosofia e ecologia: Charles Brown e Ted Toadvine (2003) lançaram o livro “ecofenomenologia: de volta à própria Terra⁹”, distanciando tanto do posicionamento ingênuo e mecanicista do naturalismo, quanto do movimento da ecologia profunda, que possui fortes conexões religiosas (NAESS, 1992; ORR, 1994; DRENGSON & DEVALL, 2008). O título é uma variação da obra de Husserl, “o retorno das próprias coisas”, que busca quebrar a hegemonia de alguns pensamentos filosóficos sobre a verdade da vida, dando abertura às múltiplas sabedorias. Trata-se de uma coletânea que explora os dilemas filosóficos trazidos por Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Nietzsche e Lévinas, entre outros, na inovação de propor diálogos fenomenológicos com a natureza.

Curiosamente, a fenomenologia surgiu porque as estruturas cartesianas da ciência naturalista não bastavam para compreender o pensamento da humanidade. Por isso, pode parecer um paradoxo retomar o debate da natureza no complexo tecido da fenomenologia, entretanto, é apenas mais uma janela que se abre ao mundo e que traz contribuições

⁹ BROWN, Charles; TOADVINE, Ted (Eds.) **Eco-phenomenology: back to the Earth itself**. New York: New York State University Press, 2003.

significativas aos educadores ambientais. Enfim, a porteira está aberta às críticas, já que a incompletude humana não se esgota neste debate e outras janelas filosóficas ainda estarão presentes na paisagem do pensamento ecológico.

A obra traz profundas contribuições ao dilema da dualidade filosófica entre o antropocentrismo e o biocentrismo, constituindo-se como uma tentativa de se abandonar os excessos antropomórficos à construção de uma filosofia que examina a natureza como condição essencial. É um livro de grande impacto no ambientalismo, sendo referência às subseqüentes publicações relacionadas com filosofia e ambiente, além de várias dissertações e teses no âmbito de diferentes áreas do conhecimento, revelando que a crise planetária é motivo à cidadania global e não está confinada a poucos pesquisadores de elite (WOOD, 2003; ZIMMERMAN, 2003; TOADVINE, 2004 & 2015; BROOK, 2005; HARVEY, 2008; KARROW, 2010; THOMSON, 2013; BRIGHT, 2013; STONE, 2015; MEIGHOO, 2016).

Uma tentativa de abreviar a vasta literatura faz emergir alguns bons exemplos. Toadvine (2004) busca a relação de continuidade entre sentido e os níveis humanos da expressão, como a linguagem. Ele acredita que Merleau-Ponty transfere o sentido da natureza à linguagem por meio da carnalidade. Interpretando os termos “carnalidade” e “Terra”, Brook (2005) interpreta as similaridades nos pensamentos fenomenológicos e ecológicos. De forma similar, Bright (2015) interpreta a carnalidade MPontyana como aproximação da primitividade terrena, incluindo a dimensão animal à constituição psicológica do sujeito. Na defesa do movimento vegânico, Meighoo (2016) sublinha o impacto da filosofia Merleau-Pontyana na cultura pós-guerra e na emergência da consciência ecológica, pelo estabelecimento de um novo caminho para se compreender o lugar do humano e dos animais na biosfera. No diálogo entre Irigaray e Bachelard, Stone (2015) apoia-se na filosofia dos quatro elementos (água, terra, fogo e ar) para acreditar que o enfrentamento da crise ambiental necessita fortalecer o debate da ecofenomenologia.

Ainda que não se utilize do termo “ecofenomenologia”, Vilmar Pereira (2016) acaba de lançar um livro sobre ecologia cosmocena, na redefinição do espaço humano no cosmos. Apoiado na hermenêutica pós-metafísica, o autor cunha o termo cosmoceno eliminando a hierarquia de saberes, fazeres e sentires que possa existir no cosmos. É uma transcendência do termo “antropoceno”, gravado em 2002 pelo holandês Paul Crutzen (2016), por ocasião

de ter recebido o prêmio Nobel da química, e de fato, foi uma importante contribuição em admitir as diretas e indiretas intervenções humanas na Terra. É um tempo geológico que anuncia as grandes mudanças na Terra por intermédio de três períodos altamente marcado pela presença humana: 1- a Era Industrial (1800 – 1945); 2- a Era da Aceleração (1945-2000); e 3- a Era do Antropoceno, no despertar da consciência que emerge dos dilemas da sustentabilidade, em especial às mudanças climáticas.

A construção do pensamento ecofilosófico está aberta, e em termos epistemológicos, são conceitos trazidos de filósofos clássicos, agregados com pensadores da contemporaneidade. São diálogos abertos, fecundos e que estão longe de serem finalizados. Na dimensão praxiológica, o campo da pesquisa e vivências em educação ambiental reveste-se de variadas formas metodológicas, mas ainda carece de mais produção acadêmica que consolide esta dimensão ecofenomenológica. Na trama ontológica, e também axiomática, não resta dúvidas de que estamos sedentos de algo para tentar compreender a crise planetária e o modo ético de como se viver neste cenário. Há uma vastidão de horizontes ainda a serem concebidos e os educadores ambientais possuem uma contribuição orgânica à essa janela filosófica.

*** Uma fenda prematura: Heidegger e a natureza**

Bastante criticado pela sua conexão com o nazismo, muitos abandonaram Heidegger (1962, 1996-a; 1996-b) sem ao menos lê-lo, como se uma falha pudesse aniquilar todas as mil qualidades humanas. Condenamos um filósofo na eternidade das chamas da punição, eliminando qualquer possibilidade de retificação do erro, consolidando os velhos e inabaláveis obstáculos epistemológicos (BACHELARD, 1996). Aos que souberam perdoá-lo, Heidegger ainda vive e tem significativa contribuição aos campos da fenomenologia, geografia, linguagem, teologia¹⁰ e educação ambiental, além de diversas áreas do conhecimento.

Embora Heidegger seja chamado de filósofo antropocêntrico, ele mesmo tinha críticas à descontinuidade humana da física, biologia ou química. Zimmerman (2003) considera que a abordagem heideggeriana com a natureza não é axiomática, mas ontológica: Heidegger não tinha a pretensão de descobrir valores intrínsecos da natureza, mas ele relacionava a

¹⁰ Entrevista de Heidegger concedida ao monge Bhikku Maha Mani [2 partes], em alemão com legenda em inglês [<https://youtu.be/L8HR4RXxZw8>].

natureza como um recurso, na medida que os poderes políticos aumentavam o fosso entre a fome concreta e a subjetividade da existência (*Dasein*). O *Dasein*, ou o “ser-aí”, segundo Stein (2004), ocorre numa dimensão histórico-temporal, quando o passado acontece de seu futuro. Os escritos tardios de Heidegger revelavam um “novo começo”, num encontro com a pós-metafísica e o cuidado em não dominar outras formas de vida, muito consistente com seu próprio pensamento, na janela que liga os cacos de vidro do passado com as molduras do futuro.

Destruir, abrir nosso ouvido, torna-lo livre para aquilo que na tradição do ser, do ente, nos inspira. Mantendo nossos ouvidos dóceis a esta inspiração, conseguimos situar-nos na correspondência que ocorre na dis-posição (HEIDEGGER, 1996-a, p. 36).

Heidegger (1962) compreendia o *Gelassenheit* (serenidade ou tranquilidade) simultaneamente como esvaziamento e como abertura ao mistério, além da existência de dois pensamentos: um matemático e outro meditativo. Para este fenomenólogo alemão, o método científico oferecia mecanismos de se “medir” a natureza, e, portanto, a vida poderia ser comercializável. Era preciso ousar uma postura de serenidade que pudesse se conectar com a natureza pela sua essência e não pelo seu valor econômico.

No estado chamado Mato Grosso, o agronegócio é o símbolo da maior violência contra o ambiente, destruindo vidas e semeando valores que atenuam as esperanças. O pensamento de Heidegger ajuda a refletir sobre este modelo insustentável de desenvolvimento que prioriza o lucro em detrimento da vida. Contudo, vale sublinhar de que não se trata de um serviço filosófico utilitarista, como se tudo que existe devesse servir à alguma causa, seja ela qual for.

A moradia se conecta ao ato de preservar, para muito além da dimensão positiva, e a casa é a imagem primeira dos devaneios poéticos, um lugar primitivo de acolhimento e de intimidade entre a poética e o leitor. É também um dos símbolos da ecologia, que pede emprestado o radical *oikos* à tessitura epistemológica.

A casa é, evidentemente, um ser privilegiado; isso é claro, desde que a consideremos ao mesmo tempo em sua unidade e em sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares em um valor fundamental. A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens. Em ambos os casos, provaremos que a imaginação aumenta os valores da realidade (BACHELARD, 2003, p. 23).

Para a grande maioria, a percepção dos fenômenos é instrumental e não conceitual. Por isso, Heidegger (1996-b) buscou construir uma filosofia ontológica que livrasse a natureza da mera razão instrumental. A natureza não é para ser compreendida como algo presente à vida funcional ou utilitária, nem como um recurso ilimitado. É verdade que na floresta tem madeira, na montanha há uma pedreira, o rio gera energia, e o vento assopra as ondas de navegação. Mas este é um tipo de existência que se reduz na sua funcionalidade. É preciso descobrir outra essência da natureza, que mesmo revelada, guardará sempre algum mistério. Assim, a crise ambiental é também espiritual, e a natureza possui essências que podem aliviar as angústias existenciais.

A Modernidade trouxe mudanças substanciais nos modos de vida, prevalecendo a técnica como mediadora entre humano e natureza, como a maquinaria da agricultura, as fontes tecnológicas da energia, ou a sofisticação da robótica que reduziram nossa capacidade de decisão pela vida. O conceito de *Gelassenheit* (RÉE, 2000) não significa ser contrário à tecnologia ou ciência, mas é, sobretudo, uma ponderação que a melhor relação entre humano e natureza não ocorre por vias mecânicas, mas pela construção de um ser-em-mundo (*Dasein*).

Por isso, no mosaico da educação ambiental, a abordagem das escolas sustentáveis deve ser cuidadosamente interpretada quando se refere às “ecotécnicas”, já que pode dar margem a uma interpretação de que a técnica regula os princípios políticos da proposta pedagógica. A proposta das escolas sustentáveis possui três dimensões fenomenológicas agregadas que não podem ser vistas isoladamente: o currículo, a gestão e o espaço. A ecotécnica é meramente uma das partes práticas e não se configura como objetivo nesta agenda educativa.

Estamos diante de uma crise sem precedentes – uma crise em sentido lato como anuncia Guattari (1990): uma crise mental, social e ambiental. Por isso, é preciso rever a nossa existência de forma plena, que satisfaça a dimensão espiritual na ontologia do *Dasein* (HEIDEGGER, 1962), que favoreça a justiça social e a valorização da cultura, e mais do que ciência e técnica, que o mundo seja cuidado por meio de múltiplos saberes¹¹. O tempo

¹¹ Trecho do filme “O grande ditador”, de Charlie Chaplin: <https://youtu.be/3OmQDzli3v0>. O discurso em: http://pensador.uol.com.br/o_ultimo_discurso_de_charles_chaplin/

do ser não se refere ao relógio de Cronos, com ponteiros estruturados de uma linha reta, mas é o tempo original que temporaliza a existência – é um movimento da natureza como um espaço de múltiplas possibilidades. Assim, o *Dasein* é autenticamente histórico, pois é a repetição das possibilidades da existência enraizada na temporalidade.

*** O cintilar das luzes nas vidraças da existência**

Heidegger é considerado o primeiro filósofo do ocidente que abriu diálogos com o pensamento oriental, principalmente com o Budismo e suas diversas correntes espalhadas pelo mundo (SUZUKI, FROMM & MARTINO, 1960; FLORENTINO-NETO & GIACOIA, 2012). O fio condutor repousa nos conceitos básicos do “ser” e do “nada” que dimensionam o *insight* filosófico dos dois mundos a leste e a oeste. Para Martin Heidegger, o foco destas sociedades consiste no processo de *religare* do tempo com a finitude da existência humana; e para Dōgen Kigen, um dos antigos mestres Zen-Budistas, o tempo se conecta à impermanência dos limites da liberdade (MICHELAZZO, 2012).

Imagino que Daietsu Suzuki (1960) tenha sido um japonês zen-budista sério e disciplinado, que foi bastante crítico aos procedimentos das ciências em aniquilar outras fontes do saber. Ele lançou a amarga (e boa) crítica a Descartes, que fez a separação entre pensamentos e afetos e só deu zelo à racionalidade, já que esta controlava a natureza ao bem-estar ilusório do humano. No ocidente, as religiões monoteístas consideram que um Deus será a salvação. No oriente, em contraponto, acredita-se que todo ser tem a capacidade de despertar e atingir a iluminação, pois há um Buda em cada um de nós. Frente aos conflitos, Suzuki propõe que o caos seja aceito no sentido de ser um reservatório de possibilidades, e que cada ser humano é um artista da vida:

O corpo físico é o material que corresponde à tela do pintor; à pedra do escultor; ao violino do músico; às cordas vocais do cantor. Para este artista da vida, cada um de seus atos exprime originalidade, poder criador e a própria personalidade viva (SUZUKI, FROMM & MARTINO, 1960, p. 25).

O Zen-Budismo é uma derivação do Budismo Indiano, e os ensinamentos de Sidarta Gautama ainda são bastante vivos (figura 3). Teve intensa influência chinesa, na complementariedade do Yin e Yang do Tao, cujos pares não são interpretados como opostos, mas como complementares de absolutos e relativos; escuro e claro; vazio e matéria; universal e particular; feminino e masculino; entre outros arranjos binários (figura 4). E no solo japonês, teve sublime predomínio do Xintoísmo, uma religião politeísta dos

meus ancestrais, com significados e fecundidades inspiradores, a exemplo do portal que anuncia a morada dos deuses, o “*torii*” (figura 5). Há seres encantados maravilhosos no horizonte mitológico xintoísta, que dialogam com a cultura e com a natureza, e que são colaboradores da educação ambiental.



Figura 3: Buda (Massimo Pittore)



Figura 5: Torii (Lúcia Kawahara)

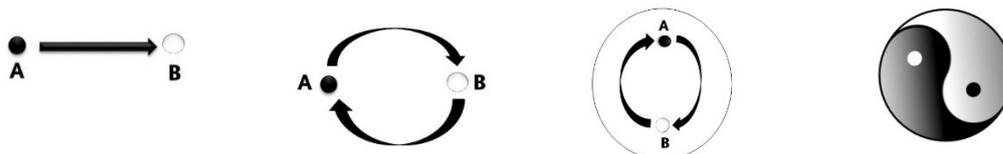


Figura 4: o movimento complementar do Tao
Adaptado de Suzuki (1960, p. 77-78)

A cerimônia da meditação (*Zazen*) é uma das essências mais significativas do Zen, que possui técnicas diferenciadas de outras correntes budistas. O ato de agradecer é tido como uma retribuição da energia ao Buda, e é preciso praticar o bem, purificar o próprio coração, buscar sabedoria e ser humilde, entre outros preceitos que conduzem ao caminho de Buda. Há várias maneiras de se esquecer o ego: no plantio de uma árvore, na criação de haiku¹², na forma vegetariana da refeição, ou na contemplação do jardim zen, que espelha o esvaziamento do ser. Para o admirável Erick Fromm (1960, p. 141), o Zen surge do caráter e não do intelecto. “A atitude para com o passado é de gratidão; para o presente, serviço; e para com o futuro, de responsabilidade”. Viver Zen é valorizar a natureza, viver de forma plena e conseguir a iluminação.

Fromm (*ibidem*, p. 130) considera que o Zen-Budismo é uma espécie de conhecimento experimental, pois implica numa abordagem da psicanálise, entre o sujeito (psicólogo) e o

¹² Haiku é conhecido no Brasil como haikai, e consiste no pequeno poema que revela o instante. São 17 sílabas enfileiradas por 3 frases de 5-7-5 sílabas. Leminski, Alice Rui, Jiddu Santana e Manoel de Barros são exemplos dos haikaistas brasileiros, além de outros [http://michelesato.deviantart.com/gallery/].

objeto (paciente). Para Sigmund Freud, a função do analista é alheada do paciente, já que o analista é o sujeito observador e o paciente o objeto a ser observado. Na história da psicanálise esta abordagem foi se modificando, situando o analista no papel de “observador participante” e não distante do paciente. Fromm avança o debate alegando que era necessário ultrapassar a ideia ortodoxa do alheamento. Para ele, participar é ainda estar de fora. “O acontecimento de outra pessoa requer que o conhecedor esteja dentro dela, seja ela” (p. 130). O psicólogo só compreenderá o paciente na medida em que experimentar em si mesmo tudo o que o paciente experimenta. Portanto, trata-se de uma psicanálise cujo analista e paciente são sujeitos e não mais situados na divisão de sujeito-objeto. Em outras palavras, não é uma observação distante; nem é uma observação participante – é uma “participação observante”.

Embora isso não assegure que o psicólogo realmente esteja imerso na compreensão do cotidiano do paciente, a construção linguística implica um sentido conceitual diferenciado e pode contribuir com as pesquisas na educação ambiental. No campo da antropologia, contudo, alguns cuidados são essenciais. Geertz (2002) considera que o pesquisador externo jamais enxergará o contexto ou espaço investigado se ele for de fora. Ele poderá pedir emprestado os ombros dos habitantes do local, como se de cima do corpo, o olhar lançado pudesse captar a mesma essência do olhar de quem pertence ao cotidiano do lugar, mas não se adentra no santuário alheio usando botas sujas:

Os etnógrafos precisam convencer-nos não apenas de que eles mesmos realmente ‘estiveram lá’, mas ainda [...] de que, se houvésemos estado lá, teríamos visto o que viram, sentido o que sentiram e concluído o que concluíram (GEERTZ, 2002, p. 20).

Retomando o debate sobre a fenomenologia religiosa, ela relaciona-se com as maneiras de se viver eticamente para si, para o outro e para a natureza. São fontes de pensamentos filosóficos que provavelmente devem ter surgido ao mesmo tempo que o *Homo sapiens*, que na busca da aprendizagem pela vida, encontrou a pedra filosofal como alicerce subjetivo da própria existência. Ainda sem uma comunicação sofisticada, provavelmente as histórias eram contadas ao redor da fogueira, entre as estrelas e as labaredas dançantes. São narrativas, crenças, pensamentos e coragem que o “ser-aí” (*dasein*) traz da biografia do tempo passado à construção das esperanças do tempo futuro.

* Serenatas ao luar na poética da janela

Não basta abrir a janela
Para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores.
É preciso também não ter filosofia nenhuma.
Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.
Há só cada um de nós, como uma cave.
Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.

~ Fernando Pessoa: poemas inconjuntos¹³

Para Heidegger, a melhor linguagem ao ser humano é a poesia. É noite na minha janela, mas a memória do ser-em-tempo me permite assinalar que a poesia pode caminhar nas imagens poéticas de uma trilha, no molhar os pés na orla do mar, na experimentação da textura da árvore, no sentir o perfume de Eros na flor, e ter consciência da força gravitacional que me liga à Terra.

Aprendi desde menina a perceber estas pequenas coisas da natureza, e o quanto o ser-no-tempo é cultural. Nas telas do cinema de Kurosawa¹⁴, as imagens das nuvens se movendo vagorosamente levam minutos importantes de silêncio, ao contrário da filmografia estadunidense, com movimentos rápidos, dinâmicos e sonoros. Sem nenhuma necessidade de optar por um ou outro, enquanto poeta zen, protagonizo o espetáculo perante o mundo, entre tempos infinitos e instantes marcantes.

A fenomenologia interpreta sentidos polissêmicos, suscitando as relações entre os humanos, não humanos, coisas e natureza, sem que nada ou ninguém perca a singularidade dos sentidos. Isso não implica que somos seres isolados, pois somos seres conjugados no tecido social que pulsa na respiração planetária. Somos janelas do mundo, espelhos do cosmos: nossos olhares sempre são constituídos de bagagens históricas, experimentações, sensações e sentimentos.

¹³ <http://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=225050>

¹⁴ *Rashomon* é um filme de 1950, dirigido por Akira Kurosawa. Consiste no assassinato de um samurai que traz a rede de intrigas, suspense e 5 visões diferentes do homicídio do samurai: de sua mulher, de um bandido, de um outro samurai, do lenhador e do próprio morto que se comunica espiritualmente. São 5 janelas que testemunham a morte de modos próprios, nas experimentações fenomenológicas das existências de cada qual, sem o estabelecimento de uma síntese ou de uma única verdade. Aos cinéfilos como eu, restará a pergunta: quem matou o samurai? [<http://www.planocritico.com/lista-os-melhores-filmes-de-kurosawa/>].

Por isso, a filosofia ambiental é uma poética na dimensão ontológica e não representa uma racionalidade premeditada. Bachelard (2003) adotou a fenomenologia do imaginário como método de investigação, partindo da pressuposição de que é o estudo da imagem por meio da consciência do sujeito (ressonância), bem como a repercussão dessa imagem no mundo.

Na “poética do espaço”, que considero ser uma justa e bela homenagem aos geógrafos, Bachelard (*ibidem*) relaciona os valores humanos com os espaços protetores de uma morada. A poesia do espaço tem ritual de inauguração na casa e nas coisas contidas nela, como gavetas, armários, chaves e janelas. A sequência recheia-se dos elementos da natureza, como ninhos de pássaros, sonoridades da mata, cores do céu, até chegar aos espaços da imensidão e da metáfora da janela aberta, fechada, semiaberta, trancada! Da miniatura da vidraça à grandeza da moldura da janela, e dos valores ontológicos que ele denomina de fenomenologia do redondo.

As imagens da *redondeza plena* nos ajudam a nos congregar em nós mesmos, a nos dar a nós mesmos uma primeira constituição, a afirmar nosso ser intimamente, pelo interior. Porque vivendo a partir do interior, sem exterioridade, o ser não poderia deixar de ser redondo (BACHELARD, *ibidem*, p. 508).

“A casa é o nosso canto do mundo” (p. 358). Essa imagem da *oikos* constitui-se um devaneio imemorial; promove a comunhão entre memória e imaginação, lembrança e imagem. São intimidades e segredos testemunhados pelos móveis, paredes, portas e janelas, e por isso, o surrealista André Breton teria afirmado que de sua gaveta, lembra somente de roupas limpas e perfumadas, e provavelmente pela sua janela, ele recorda dos “raios da lua” (p. 407).

Fenomenologicamente, a casa é uma ponte que liga os pensamentos, a saudade, a lembrança, a vivência e os sonhos¹⁵. Por isso, toda casa necessita de proteção. Na metáfora bachelardiana, o ambiente é a nossa morada que necessita de proteção, pois carrega a alma

¹⁵ Kunio Kato fez um curta-metragem em 2008 (*la maison em petits cubes*), que narra a história de um velhinho solitário que vive numa cidade inundada, provavelmente após as enchentes, degelos e flagelos da crise climática. A medida que a água eleva de nível, o ancião eleva também a sua casa com pequenos tijolos, no estilo da arte cubista, para se manter fora do nível da água. Mas em algum dia, seu cachimbo afunda e o velhinho mergulha para encontrar seu cachimbo favorito. A cada nível de mergulho, ele revive a história da casa, das proteções, dos medos, dos trincos e das aberturas. E das janelas que o ajudaram a enxergar o mundo do tempo passado ao tempo futuro [<https://youtu.be/9KM7TrJ2CHw>].

da nossa existência. Os mundos líricos são como poemas existenciais que revelam impressões da carnalidade: a destruição de nossa casa planetária clama pelo nosso engajamento ético, na voz militante, científica ou engajada, de quem enfrenta os conflitos à construção de políticas públicas que assegurem casa a todos. Simultaneamente, a Terra também necessita de cuidados, proteção e ternura.

A linguagem fenomenológica é poética porque busca traduzir os sentidos e as significações do olhar, sem estabelecer o veredito do que é falso ou do que é verdadeiro, do acerto ou do equívoco. Viver em um ambiente sadio é essencial à existência humana, pois a destruição ecológica aprisiona os sonhos do poeta. Parece ser uma longa passagem a ser percorrida, e a educadora e o educador ambiental caminham com a mochila da intimidade na cartografia do imaginário: carregam roupas, sapatos, fragrâncias. Percebem o mundo na dualidade da paisagem que se modifica conforme seus sentidos se atentam. Uma textura da semente, os formatos das nuvens, as cores da paisagem ou a quietude na hora do sono. Contudo, podem passar por enxames de abelhas, plantas que causam urticária, cansaços que chegam na longa caminhada filosófica. Acordar tarde, perder o trem, ou ainda pegar alguma gripe que impede o caminhante de sonhar.

Semelhante ao Tao, as dualidades deixam de ser opostas e ganham vida dinâmica de complementariedade. Algumas vezes ressignificamos o silêncio, outras vezes fazemos barulho na militância corajosa. Por algum momento nos recolhemos em nossas angústias, buscando as res-postas dos labirintos da solidão. Em outras vezes estamos em boa companhia, cantando em coro na celebração das belezas da vida. No pulsar da existência, a ética se alia à estética para que não se finde a poética. Ao desfecho deste texto, já chegou o momento silencioso de sonhar. Um pequeno vaso de cacto na minha janela dialoga com o espelho do cosmos: poeiras e estrelas se fundem no convite ao devaneio onírico.

Black and White
the image and the sense
capturing the silence

~ Michèle Sato (quiet)



Foto: lótus da UFRRJ
(Michèle Sato)

Referências

- BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Lisboa: Edições 70, 1996.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUDELAIRE, Charles. **Pequenos poemas em prosa**. Rio de Janeiro: Athena, 1988.
- BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. NOVAES, A. (Org.) **O olhar**. São Paulo: Cia. Das Letras, 65-87, 1988.
- BRIGHT, Bonnie. Becoming animal. The phenomenology of a living Earth. **Jung Journal: Culture and Psyche**, v. 7, n. 1, 88-92, 2013.
- BROOK, Isis. Can Merleau-Ponty's notion of 'flesh' inform or even transform environmental thinking? **Environmental values**, v.14, n.3, 353-362, 2005.
- BROWN, Charles; TOADVINE, Ted (Eds.) **Eco-phenomenology: back to the Earth itself**. New York: New York State University Press, 2003.
- CAMINHA, Iraquitã. A cegueira da visão segundo Merleau-Ponty. **Estudos filosóficos**, n. 13, 63-72, 2014 [<http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>].
- CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. NOVAES, A. (Org.) **O olhar**. São Paulo: Cia. Das Letras, 31-63, 1988.
- CRUTZEN, Paul. The Anthropocene: the current human-dominated geological era. **Pontifical Academy of Sciences, Acta 18**, Vatican City, 199-293, 2006 [<http://www.casinapioiv.va/content/dam/accademia/pdf/acta18/acta18-crutzen.pdf>].
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Lisboa: Relógio d'água, 2000.
- DRENGSON, Alan; DEVALL, Bill. **Ecology of wisdom – writings by Arne Naess**. California: Counterpoint, 2008.
- FLORENTINO-NETO, Antonio; GIACOIA, Oswaldo. **Heidegger e o pensamento oriental**. Uberlândia: EdUFU, 2012.
- GEERTZ, Clifford. Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita. *In: Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2002.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Trad. Maria Cristina Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.
- HARVEY, Sharon. **Heidegger and eco-phenomenology: gelassenheit as practice**. Washington: Washington State University, Master of Philosophy thesis, 2008, 91p.
- HEIDEGGER, Martin. **Being and Time**, trans. E. Robinson & J. MacQuarrie. N.York: Harper & Row, 1962.

HEIDEGGER, Martin. **Que é isso – a filosofia?** Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, trad. Ernildo Stein, 27-40, 1996a.

HEIDEGGER, Martin. **O fim da filosofia e a tarefa do pensamento.** Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, trad. Ernildo Stein, 89-108, 1996b.

HUNDERTWASSER, Friedensreich. **Complete graphic work 1951-1976.** Vienna: Prestel, 1976.

KAFKA, Franz. **Essencial.** São Paulo: Cia. Das Letras, 2009.

KARROW, Douglas. Ecophenomenology as Ecosophical Education: The Liminality of Swamps. *The Trumpeter*, v.26, n.3, 91-110, 2010.

LEVY, Silvano. **Decoding Magritte.** Bristol: Sansom Co., 2015.

LYRA, Edgar. Heidegger, oriente e tecnologia. FLORENTINO, A.; GIACOLA, O. (Orgs.) **Heidegger e o pensamento oriental.** Uberlândia: EdUFU, 149-165, 2012.

MEIGHOO, Sean. No logos: phenomenology, animal studies and logocentrism. **HumAnimalia: a journal of human/animal interface studies**, v.7, n.2, 161- 169, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Sense and non-sense.** Illinois: Northwestern University Press, 1964.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MICHELAZZO, J. Carlos. As habitações do humano como expressões do tempo: diálogo entre Heidegger e Dōgen. FLORENTINO-NETO, A.; GIACOIA, O. **Heidegger e o pensamento oriental.** Uberlândia: EdUFU, 183-211, 2012.

NAESS, Arne. **Ecology, community and lifiesytle.** Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ORR, David. **Earth in mind.** On education, environment and the human prospect. Washington: Island Press, 1994.

PEREIRA, Vilmar. **Ecologia Cosmocena: a redefinição do espaço humano no cosmos.** Juiz de Fora: Garcia Edizione, 2016.

RÉE, Jonathan. **Heidegger. História e verdade em ser em tempo.** São Paulo: ed. UNESP, 2000.

SATO, Michèle; GAUTHIER, Jacques; PARIGIPE, Lymbo. Insurgência do grupo pesquisador na educação ambiental sociopoética. SATO, M.; CARVALHO, I. (orgs.) **Educação Ambiental: pesquisa e desafios.** Porto Alegre: Artmed, 99-118, 2005.

SATO, Michèle. Surrealismo na po-ética ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v.4, 227-237, 2009.

- SOUSANIS, Nick. **Unflattening**. Massachusetts: Harvard University Press, 2015.
- STEIN, Ernildo. **Exercícios de fenomenologia**. Ijuí: Unijuí, 2004.
- STONE, Alison. Irigaray's ecological phenomenology: towards an elemental materialism. **The Journal of the British Society for Phenomenology**, v. 46, n. 2, 117-131, 2015.
- SUZUKI, Daisetsu; FROMM, Erich; MARTINO, Richard. **Zen-Budismo e psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 1960.
- THOMSON, Iain. Filosofia ambiental. DREYFUS, H. & WRATHALL, Mark (Orgs.) **Fenomenologia e existencialismo**. São Paulo: Loyola, 404-418, 2013.
- TOADVINE, Ted. Singing the world in a New Key: Merleau-Ponty and the ontology of sense. **Janus Head**, v.7, n.2, 273-283, 2004.
- TOADVINE, Ted. Nature's wandering hands: painting at the end of the world. **Klesis - revue philosophique**, v. 25, 109-123, 2015.
- WOOD, David. What is eco-phenomenology? BROWN, C. & TOADVINE, T. (Eds.) **Eco-phenomenology – Back to the Earth itself**. New York: State University Press, 211-233, 2003.
- ZIMMERMAN, Michael. Heidegger's phenomenology and contemporary environmentalism. BROWN, C. & TOADVINE, T. (Eds.) **Eco-phenomenology – Back to the Earth itself**. New York: State University Press, 73-101, 2003.